O DISCURSO DA REGENERAÇÃO: espaço urbano, utopias e tuberculose em Buenos Aires, 1870-1930

Diego Armus

Uma espécie de ideologia urbana ganhou terreno na Argentina no início da segunda metade do século XIX, quando as guerras civis se acalmaram e se passou a buscar fórmulas políticas e sociais para balizar as formas de convivência dentro de um sistema institucional. Embora seu triunfo esteja longe de ter sido absoluto, é evidente que no final do século XIX e começo do XX o grande tema de reflexão sociológica foi o de um futuro inevitavelmente subordinado ao mundo industrial e, por conseqüência, urbano.

Progresso, multidão, ordem, higiene e bem-estar foram alguns dos elementos constitutivos dessa ideologia urbana, para a qual foram importantes também os discursos da degeneração e da regeneração, da reforma profunda e da utopia.

Na Argentina, utopias urbanas extremamente elaboradas envolveram linhas formadoras com sentido de futuro. Para Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, os modelos europeus ou norte-americanos funcionavam como horizontes de utopia e de modernidade. Todavia, por volta do final do século XIX esses horizontes não podiam ocultar suas rachaduras. O país da imigração não era o que se tinha imaginado; os imigrantes que chegavam não eram os desejados e, com freqüência, sua indisciplina social parecia pôr em xeque a própria governabilidade da nação. O fenômeno das multidões, que no caso argentino foi basicamente urbano, colocava-se assim no centro das preocupações dos que, a partir dos mais diversos alinhamentos ideológicos, se propunham compreender esses problemas e superar os obstáculos interpostos ao esforço de modernização. Com essa multidão chegaram a questão social, a nacionalização das massas, as propostas de mudança e renovação, as pressões para a ampliação do cenário político.

Primeiro sob a ótica da política e, mais tarde, sob a de novas disciplinas, como a

Nota: Esta tradução é de Francisco de Castro Azevedo.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 235-250.

higiene, a engenharia sanitária ou a sociologia, os problemas da cidade moderna passaram a ocupar o centro da agenda. Foi na cidade que as evidências da degeneração tomaram forma – o crescimento acelerado e caótico, a moradia popular insalubre, a tríade formada por alcoolismo, sífilis e tuberculose.

Mas os discursos da degeneração coexistiram com outros, de perfil nitidamente regenerador, que abriam espaço para a esperança e a mudança. A partir destes últimos, esboçaram-se os esforços para intervir sistematicamente na cidade. Ali surgiram as cidades ideais ou utópicas.

Na busca de uma nova ordem urbana, houve quem propusesse cenários a serem construídos a partir do zero, depois de fazer tábula rasa da história, e quem imaginasse cidades resultantes de reformas progressivas, mediante o levantamento exato da cidade real e a adaptação e recriação do lastro do passado de acordo com a agenda do futuro desejado. Em qualquer dos casos, essas especulações sobre a cidade nunca deixaram de lado o problema da higiene, que, com as epidemias recorrentes do século XIX, estava sempre a lembrar a essência coletiva do mundo urbano e a necessidade de relativizar os enfoques individualistas dos problemas da saúde. Essas preocupações não eram completamente novas. Tanto o mundo clássico com o mito de Higia – símbolo das virtudes de uma vida sã em um meio agradável – como os anos da Ilustração e do sanitarismo prático do século XVIII – com seus conceitos pioneiros em matéria de saúde pública – davam sustentação e historicidade a essas novidades. Assim, no século XIX a higiene já se perfilava como uma filosofia social que se propunha combinar as necessidades fisiológicas e culturais com o meio ambiente. Virchow e Chadwick enfatizavam a necessidade de controlar as doenças – sobretudo as infecciosas – sempre associadas a sujeira, carência e contaminação. Em contraposição, a restauração da saúde perdida era apresentada em função do ar puro, da água potável, da moradia apropriada, do verde e do sol.

Os discursos sobre a higiene na cidade ofereciam mundos imaginários ou modelos urbanos em que se anunciava algo distinto e melhor, mais perto da felicidade. Neles a cidade não era a fonte ou causa de degradação, nem a enfermidade uma de suas inocultáveis conseqüências. Tratava-se de cenários alternativos que se apoiavam na higiene social e na saúde pública e que reconheciam na correta utilização da ciência, nos benefícios de uma vida sadia e em uma sociedade mais ou menos igualitária os recursos para alcançar sua realização. Eram fragmentos de uma agenda que retomava corretamente as tarefas da eugenesia positiva em matéria de prevenção da saúde, regeneração e fortalecimento dos corpos e da "raça".

Neste artigo, discuto o ideal higiênico e sua relação com a tuberculose em cinco cidades imaginadas entre o final do século XIX e o início do XX. Em todas elas observa-se a tensão entre o espírito idealista do gênero utopista clássico e o pragmatismo realista dos programas de um planificador. Em geral, nenhuma dessas utopias consegue ir além de um urbanismo bastante rudimentar, englobante, decorrente de um plano rigoroso e excessivamente simples. Imaginam sociedades urbanas que destilam uma harmonia e uma disciplina que brilham por momentos como asilos humanitários onde o bem-estar reinante parece ter controlado qualquer risco patológico.

1. A "cidade limpa" e um monumento para celebrar a derrota da tuberculose

Em 1879, Aquiles Sioen publicou seu *Buenos Aires en el año 2080. Una historia verosímil*. O livro, que toma a forma

de uma excursão pela cidade, apresenta turistas recém-chegados de uma viagem intercontinental realizada em navios imensos e capazes de travessias diárias de mais de 4 mil quilômetros. Já na cidade, e com a ajuda de "câmeras escuras de bolso que permitem a produção de fotografias em cores", os visitantes
uma Buenos Aires que tem 2,8 milhões de habitantes.

As primeiras tomadas revelam uma grande avenida central de 160 metros de largura, flanqueda por árvores, ao longo da qual se alinham os principais edifícios do governo. De raiz indubitavelmente haussmanniana, essas vias amplas e ventiladas de circulação apresentam-se como as provas ostensivas de que se chegou a uma cidade limpa. "Grandes carros movidos a eletricidade molham, varrem e retiram automaticamente o pó e a lama das ruas e avenidas." A limpeza é atributo fundamental dessa utopia sanitária, na qual a higiene urbana aparece como condição necessária de um esforço de saneamento e moralização que, começando nos espaços públicos, devia culminar nos corpos, especialmente nos dos pobres.[1]

Sioen, jornalista francês radicado por alguns anos em Buenos Aires, não era um extemporâneo. Seu exercício de imaginação é bastante representativo dos temas e obsessões de muitos que, como ele, refletiam sobre o espaço urbano. Na década de 1870, quando as teorias miasmática e pasteuriana lutavam para se impor como explicação das doenças epidêmicas, a água e a lavagem eram pensadas como recursos purificadores tanto dos miasmas, a que se atribuíam as origens das infecções, quanto dos micróbios, que começavam a ser apresentados como as causas determinantes das doenças.[2] Por isso, não surpreende que naqueles anos circulassem muitos ensaios e estudos que associavam a tuberculose a solos que precisavam de saneamento.[3] Também a essa década pertenciam outras utopias sanitárias, nas quais a água e a limpeza davam o tom à vida cotidiana e à própria cidade, como *Les cinq cents millions de la Begum*, de Júlio Verne, e *Hygeia, a city of health*, do inglês Benjamin Richardson.[4]

O outro recurso que na Buenos Aires de Sioen funcionava como garantia de um ambiente urbano saudável era o verde. Uma área correspondente a 800 quarteirões de superfície, ao mesmo tempo bosque e parque, situada a dois quilômetros da entrada do porto, sobre a margem direita do Riachuelo e a uns 100 metros do rio, destacava um cenário metropolitano com funções não apenas higiênicas e estéticas, mas também de lazer. Para tanto, Sioen imaginava árvores frondosas que facilitavam a "respiração da cidade" e um lugar onde "o público encontra, gratuitamente, todas as diversões possíveis", de bailes, bibliotecas e paus de sebo a aparelhos de ginástica, e de gigantes da Alemanha ou anões da Lapônia a magnetizadores e a passeios em aeróstatos.[5] Esse quadro, de um parque metropolitano que oferecia serviços recreativos e de educação física e que misturava em um ambiente cosmopolita novidades técnicas com modos de recreação tradicionais, era um tópico a que, de uma forma ou outra, recorreram todos os que, na década de 1870, pensavam na modernização de Buenos Aires.[6]

Recostado sobre o Riachuelo, este "pulmão verde" se afigurava destinado a servir a cidade como um todo e, em particular, sua populosa zona sul, freqüentemente castigada por epidemias. Sua localização antecipava um tema e uma demanda – os do Gran Parque del Sur, para contrabalançar os benefícios que o Parque de Palermo proporcionava à população mais rica do norte da cidade – que não só perdurariam ao longo das quatro primeiras décadas do século XX, como também revelariam as desigualdades urbanas em matéria de aparelhamento coletivo. Uma "avenida triunfal" unia o

parque ao centro geográfico e administrativo da cidade, onde um panteão leigo homenageava os que tinham contribuído para a consolidação da "civilização moderna". Ali estavam, entre outros, "quem conseguiu armazenar a energia solar para aplicá-la às necessidades ordinárias da vida", "quem aplicou o sistema dos ferros de foco de platina à marca dos animais, aumentando em milhões por ano o valor do rebanho argentino", "quem converteu ao cristianismo e à civilização os 30 mil índios dos Andes". A esses somava-se o "doutor que descobriu o remédio para curar a tísica".[7]

A utopia de Sioen era a de um capitalismo melhorado. Imaginava um mundo urbano gentil e tranqüilo, que soubera combinar as novidades trazidas pelo progresso técnico e pela higiene com as vantagens da economia agroexportadora. A organização social permanecia inalterada, mas o Estado assumia responsabilidades assistenciais e passava a custear, com os recursos obtidos na expansão agrária, o acesso gratuito da população ao usufruto de certos bens e serviços, entre os quais o do ar puro e da recreação.[8] *Buenos Aires en el año 2080* apresentava uma cidade que chegara sem maiores problemas à sua condição de metrópole. Em sua cidade, Sioen não apenas celebrava com entusiasmo o triunfo da ciência médica sobre a tuberculose, mas também venerava o sol como fonte de vida e como recurso energético, a água como garantia de limpeza, o verde abundante como garantia de higiene e a ginástica como recurso de fortalecimento físico individual.

2. A cidade socialista e a tuberculose ausente

Data de 1908 *Buenos Aires en 1950 bajo el régimen socialista*, a utopia urbana escrita por Julio Dittrich, imigrante alemão e militante socialista, mecânico de profissão e, como tantos outros no alvorecer do século XX, apaixonado pelas novidades técnicas.[9] A narração abre-se com um recurso que já fora utilizado com êxito por Edward Bellamy em *Looking backward, 2000-1887*, um clássico do gênero utópico norte-americano, amplamente difundido na Buenos Aires daqueles anos: um operário, ferido em 1910 durante uma mobilização do 1º de Maio, perde os sentidos, é internado e desperta 40 anos mais tarde, graças a uma novíssima técnica de reabilitação. Nesse meio tempo, o socialismo tinha triunfado em Buenos Aires. Passeando por suas ruas e bairros, o renascido ativista do começo do século descobre uma sociedade em que reina a igualdade, domina um Estado provedor, combatem-se os excessos individualistas, respeita-se a sabedoria dos anciãos e veneram-se a família como uma unidade social básica, o trabalho responsável e a defesa da paz.

Em vez de sonho ou visão, a cidade socialista de Dittrich era um esforço para demonstrar o que podia conseguir a concretização do programa de seu partido, montado em torno dos ideais da reforma social profunda. Nela reinava uma fé aberta no progresso, apresentado como um horizonte em contínua abertura. A indústria, a técnica, as invenções e, de maneira muito especial, a eletricidade – todos eles temas recorrentes do discurso anticapitalista do socialismo a partir de 1890 – eram os parteiros do bem-estar social. Tratava-se de um bem-estar que devia ser vivido em família – daí, o culto ao lar, a família nuclear e uma divisão muito clara dos papéis sexuais. O trabalho era visto como obrigação de todos os adultos. Para os homens, jornadas de quatro horas; para as mulheres, o trabalho doméstico: "não têm nenhuma outra obrigação senão a de trabalhar para a sua família" e, no caso de desejarem ocupação fora do lar, podiam consegui-la so-

mente no magistério e na enfermagem, duas profissões que reforçavam seu papel tradicional de custódia de uma família sã e uma raça forte".[10]

Essa família habitava moradias individuais, que não eram senão as casinhas com jardim que já povoavam os bairros de Buenos Aires – um modo de habitar simples, funcional e fundamentalmente higiênico, e que não sacrificava totalmente o respeito pelos estilos e gostos individuais. A essas casinhas todos tinham acesso, porque o Estado as punha generosamente à disposição da população; mas isso não impedia que alguns continuassem vivendo em conjuntos habitacionais, rodeados de verde e com serviços compartilhados, e outros em habitações coletivas – cortiços limpos e sem aglomerações – que, a seu modo, evitavam o "silêncio sepulcral" da casa unifamiliar e conseguiam manter algo da sociabilidade cotidiana que em sua desordem os inquilinatos ofereciam.[11]

Uma dieta simples, mas nutritiva, contribuía para forjar uma população de aspecto robusto, que sabia apreciar "um suculento *puchero* acompanhado de bom vinho". O *puchero* era uma referência ao prato mais comum e típico da mesa portenha daqueles dias. Já o bom vinho, bebido com moderação e "evitando os excessos", revelava a valorização do álcool, que encontrava nas bebidas fermentadas um recurso alimentício e não um passaporte para a perdição.[12]

O trabalho moderado e a boa alimentação eram complementados pelo uso correto do tempo livre, no qual se dava ênfase muito acentuada à formação e à educação e pouquíssima atenção à diversão. Para tanto contribuíam os exercícios corporais nas praças, os banhos frios freqüentes, as excursões ao ar livre que permitiam uma intensa relação com a natureza. A ginástica e a natação dominavam o panorama; os esportes, inclusive o futebol, uma nova paixão urbana que convocava milhares de jogadores amadores e espectadores em número maior ainda, estavam ausentes.[13]

Na Buenos Aires socialista as doenças infecciosas haviam sido erradicadas mediante o florestamento e o aterro de pântanos. Os únicos estabelecimentos sanitários eram os hospitais, nos quais o atendimento era, não apenas gratuito, mas também afetuoso e respeitador. A medicina, apresentada como fonte inesgotável de soluções, já tinha encontrado a cura do câncer. Dittrich não menciona uma vez sequer a tuberculose, e este silêncio parece ser um esforço deliberado para desterrá-la da cena urbana. Todavia, adivinha-se a sua presença em comentários que utilizam imagens fortemente ligadas ao discurso antituberculose. A dos excessos e da vida na cidade moderna é uma delas: "antes, a juventude, ao chegar aos 20 anos, estava acabada; os ricos por seus vícios, e os pobres por excesso de trabalho e falta de nutrição". A do corpete feminino, que muitos médicos associavam à tuberculose, é outra: "tinha sido abolido", diz Dittrich, com a dupla finalidade de liberar a mulher "desse antigo instrumento de tortura" e de lhe facilitar o uso de vestimentas apropriadas e higiênicas.[14]

Harmonia familiar, eficácia produtiva e responsabilidade no trabalho, racionalização das tarefas, progresso técnico, bem-estar e austeridade, acesso aos benefícios do ar puro, ao sol e ao verde são os fundamentos dessa cidade que se civilizou. E embora seja evidente que os meios de produção se socializaram, que o Estado se transformou em uma fonte inesgotável de serviços gratuitos e incorporou uma certa eqüidade, a utopia de Dittrich não oferece nada que vá além da tranqüilidade do bairro. Tratava-se mais de uma utopia de reconstrução que de escape.[15] Tratava-se também de uma utopia entre missionária e imperialista, já que se propunha não apenas persuadir cada um da conveniência de viver de

determinada maneira, como desterrar os que não aceitavam viver no tipo de comunidade que lhes estava sendo oferecido.[16] Por isso, *Buenos Aires em 1950 bajo el régimen socialista* reservava alguns parágrafos para os anarquistas que, isolados em um exílio negociado na Patagônia, qualificavam
de "grande cárcere modelo", crítica que não atingia ao indiferente Dittrich, totalmente convencido das virtudes do mundo urbano que estava imaginando.[17]

3. A cidade anarquista e um mundo sem tuberculose nem enfermidade

Publicado em 1914, *La ciudad anarquista americana. Obra de construcción revolucionaria* é provavelmente um dos exemplos mais acabados de literatura utópica escritos na Argentina e talvez o que mais facilmente se enraíza nas tradições do urbanismo utopista do Ocidente. Seu autor, o tipógrafo francês Joaquín Alejo Falconnet, que escrevia sob o pseudônimo de Pierre Quiroule, foi um militante ativo do anarquismo argentino do final do século XIX e início do XX. Quiroule combinava suas habilidades jornalísticas com o que passou a ser chamado de "artes gráficas". Para os padrões do anarquismo local, foi realmente um intelectual prolífico, pois, além de *La ciudad anarquista americana...*, escreveu dois romances do mesmo gênero.[18]

A *Cidade dos Filhos do Sol* – era este o nome da utopia urbana anarquista – reage contra a vida na cidade moderna e celebra uma idéia de espaço urbano em que a natureza e a sociedade tecem uma harmonia desconhecida. Quiroule imaginava uma cidade pequena, com cerca de 12 mil habitantes, que permitia combinar racionalmente as demandas da produção, do consumo, da higiene e do bem-estar. Descartava a cidade capitalista e propunha uma espécie de comuna, em que se assentavam as bases sobre as quais deveria funcionar a nova sociedade. Este mundo, que não seria mais que uma rede de comunas, seria marcado pelas relações solidárias e não-competitivas, a dissolução da família, a racionalização do processo produtivo em função de um consumo medido, a propriedade coletiva, o acesso igualitário a bens e serviços, a jornada de trabalho mínima e muito tempo livre. E tudo isto em um ambiente em que o ar, a luz e o sol eram os únicos elementos que pareciam escapar de uma austeridade que, segundo Quiroule, dava o tom geral mas não sufocava. A *Cidade dos Filhos do Sol* era, em grande medida, uma cidade antimoderna; ali não havia lugar nem para "a torturante preocupação de chegar ao destino com precisão matemática", nem para as "horríveis torres de ferro", nem para "os novos progressos que dão esplendor à cidade moderna e são pretexto para a criação de mais regulamentações e cobranças".[19]

Na *Cidade dos Filhos do Sol*, o espaço urbano perdia densidade, dissolvia seus limites com o mundo rural, apontava para a auto-suficiência, dispersava o urbano no rural. Sem dúvida, encontram-se em Quiroule vestígios bem marcados de Jean-Jacques Rousseau e de William Morris. Rousseau deu *status* de racionalidade a uma certa fantasia de um passado ideal.[20] Com ele abriu-se o caminho para a idéia da volta a um estado original de pureza e simplicidade. Mas, diferentemente de Rousseau, Quiroule já experimentara as premências da cidade moderna, lera os positivistas e bebera no discurso do progresso. Por isso, sua utopia não se voltava nostalgicamente para o passado, mas situava-se em um futuro não necessariamente distante. Em Morris, publicado em Buenos Aires vez por outra como folhetim ou em edições baratas, Quiroule encontrara as peças que possibilitavam harmonizar, em uma cidade pequena, as relações entre natureza, ciência e técnica.[21] Por isso, sua cidade,

situada em um ambiente definitivamente bucólico, encontrava nas ruas varridas por máquinas, nas águas servidas que eram esterilizadas quimicamente para serem reaproveitadas em seguida nas plantações, e na eletricidade produzida pela decomposição dos raios solares, elementos de uma cotidianidade a que todos tinham acesso e de que todos podiam se beneficiar.[22]

Quiroule desenhou uma cidade que retomava a tradição de imaginar enclaves urbanos no meio do campo – as cidades-jardim, estruturadas em uma série de anéis, que classificavam e diferenciavam funções, em torno de um forte núcleo central reforçado pela convergência de eixos radiais.[23] Mas a *Cidade dos Filhos do Sol* tomou desses modelos apenas as linhas centrais da planta urbana, deixando de lado seu utilitarismo paternalista e suas hierarquias sociais internas.

Quiroule reagia contra a metrópole, na qual via "uma reunião diabólica de tudo o que pode estragar e prejudicar o homem: sujeira, doença, corrupção, degeneração, delinqüência, opressão, miséria... um receptáculo de tristeza, tuberculose e morte". Era necessário "fugir das grandes cidades... respirar ar puro, viver na plena glória do sol para dar novos pulmões à humanidade e regenerar a espécie."[24]

Este tom decididamente eugenista descobria um mundo urbano situado nos antípodas daquele outro povoado pelo "soprador de garrafas que trabalha até se tornar tísico", pelo "padeiro que sova tuitosamente a massa nutritiva, dia após dia e noite após noite até a tuberculose assassina transformá-lo em cadáver ambulante", pelo empregado do comércio, ou costureira, ou tipógrafo, todos eles vergados sob o peso do trabalho excessivo e persistentemente associados aos elevados índices de mortalidade por tuberculose.[25]

A cidade de Quiroule oferecia umas poucas casas de saúde, cuja única função era atender a "alguma desgraça acidental ou realizar alguma operação cirúrgica". Essa austeridade não decorria de uma infra-estrutura precária de serviços mas da existência de uma população que não apenas "enriquecera seu sangue graças a um sistema de vida mais racional e natural", como também "rejuvenescera o organismo por sua nova condição de homens livres e felizes"; tratava-se ainda de uma população que, tendo-se iniciado "sem violências na arte de cuidar e conservar a própria saúde, se livrara paulatinamente da quase totalidade de suas antigas doenças". O mundo imaginado por Quiroule era um mundo sem doença, sem tuberculose:

> As doenças haviam sido em grande parte debeladas. Sendo a maioria de seus habitantes vegetarianos, por gosto ou convicção, e não submetidos a trabalhos insalubres ou extenuantes, vivendo uma vida de felicidade e de liberdade, de costumes simples e sem vícios, estavam sãos de corpo e de espírito. Não conheciam nem a terrível tuberculose, nem a horrorosa variola, nem o temível tifo, que continuavam dizimando os povos desafortunados do velho continente... debilitados por abusos e excessos de todos os gêneros: o trabalho assassino, as orgias, a má alimentação, as privações, o álcool, a prostituição, as traiçoeiras intoxicações respiratórias ou orgânicas contraídas mediante a ingestão com a água ou a aspiração com o ar dos resíduos impuros e corrosivos das explorações industriais.[26]

Este era ainda um mundo em que o homem comum se tornara médico de si mesmo, aproveitando racionalmente "a ação reconstituinte dos agentes naturais: ar, sol etc.", porque as curas "dependiam apenas de um suplemento de oxigênio vital". Por isso, Quiroule rejeitava "os infames soros e outras vacinas de imun-

das purulências, inventadas e celebradas com muito alarido por charlatães mistificadores e ambiciosos, exploradores da ciência de Esculápio", cujo afã de "lucro e ambições de fama não retrocedem sequer diante das tremendas conseqüências que terão para as gerações vindouras essas asquerosas inoculações de degeneração no sangue da raça".

Este questionamento do saber médico levou Quiroule não apenas a reconsiderar a existência mesma da profissão – agora uma ocupação de tempo parcial, rotativa e complementada por outras tarefas manuais – mas também a afirmar que "a arte de curar [não tinha como objetivo] prolongar indefinidamente o estado anormal do paciente". Sublinhava-se, dessa maneira, um modo de enfrentar a morte que se distanciava da mercantilização da prática profissional – a que estavam sujeitos sobretudo os pacientes ricos – e da experimentação médica que "usava como material de prova os organismos desgraçados e passivos" dos pobres.[27] Este reconhecimento da morte como uma etapa no curso inevitável de cada vida remete mais à imagem da morte aceita naturalmente – como a passagem de um mundo para outro com simplicidade solene, sem pressa mas sem adiamentos – do que à da morte moderna, que pretende evitar, não para o moribundo mas para os que o rodeiam, uma experiência insuportável e disruptiva de sua suposta tranqüilidade cotidiana.[28]

Essa humanidade regenerada "amava a Mãe Natureza". No caso dos adultos, que trabalhavam apenas algumas horas e em ambientes higiênicos, a cidade anarquista oferecia um ótimo espaço para o uso racional do tempo livre. Em todos os bairros havia piscinas rodeadas de árvores, que facilitavam a prática da ginástica e da natação, as atividades físicas mais destacadas de uma agenda voltada para o fortalecimento dos corpos e não apenas para a diversão.[29] No caso das crianças, a escola – uma escola ao ar livre – hierarquizava uma educação prática, que procurava equilibrar habilidades manuais e intelectuais com a educação do corpo por meio do exercício físico e da natação. Também inculcava hábitos higiênicos cotidianos, que iam do asseio individual aos modos de comportamento em público – como a inconveniência de cuspir, "esse costume perigoso tanto para o organismo do que cospe como para a higiene e a saúde pública". Parte dessa instrução ocupava-se do modo correto de dormir, que era seguindo "uma orientação de sul para norte, no sentido das correntes magnéticas terrestres".[30] Essa recomendação retomava as idéias que alertavam para a perda de energias vitais – neste caso causada pelo pólo magnético terrestre – e estava em sintonia com o que outros libertários opinavam sobre a masturbação como desperdício de energia nos homens e enfraquecimento das capacidades reprodutivas nas mulheres, e por isso mesmo como fator predisponente à tuberculose.[31]

A cidade dispunha de um "grande coliseu", espaço onde se colocava em prática uma espécie de expressionismo de massas, que encontravam nos torneios e espetáculos a oportunidade de celebrar não somente "a Vida, a Natureza, o Sol, a Anarquia", mas também a própria unidade e organização social.[32] O esporte como tal não existia, porque sua prática se ligava indissoluvelmente a um espírito de competição que a cidade anarquista havia desterrado. Seu lugar era ocupado pelas rotinas de ginástica, que retomavam a tradição clássica do corpo trabalhado com esmero, consciência e cuidado.

A habitação da *Cidade dos Filhos do Sol* aparecia transformada em mais de um sentido. De um lado, lar e núcleo familiar tinham perdido toda relevância enquanto unidade de reprodução social. A família monogâmica fora varrida pelo triunfo do amor livre e pelas responsabilidades comunais na educação das crian-

ças. De outro lado, as casas eram "chalés elegantes de vidros fundidos em moldes gigantescos por meio da eletricidade" e construídos com técnicas que os tornavam refratários ao calor. Suas formas e cores eram diversas, e suas dimensões podiam variar, alojando indivíduos, casais ou famílias "que continuavam mantendo os costumes de antigamente" e cujos filhos, concluído seu tempo de educação comunista e libertária, poderiam voltar a conviver com os pais, mas só por vontade própria. Os chalés integravam-se em um entorno verde; sua peculiar austeridade interna resultava da profilaxia praticada para evitar a acumulação de poeira. Os móveis de Quiroule, fundidos com a casa, fabricados de vidro e desprovidos de "molduras e adornos impossíveis de limpar", ofereciam "elegância, impermeabilidade e higiene".[33]

Da mesma forma que os movimentos vanguardistas europeus, Quiroule mostrou preocupação com o desenvolvimento de uma arquitetura que enfatizava o higiênico, mas sem cair na pobreza estética. Seus chalés de vidro remetem a Paul Scheerbart e a seu *Glasarchitektur*.[34] O interessante é que *La ciudad anarquista*... foi publicada no mesmo ano que o trabalho de Scheerbart. Ambos parecem falar um idioma compartilhado, fortemente marcado pela renovação estética e pelos impulsos libertadores. Paul Scheerbart, um vanguardista que desde 1909 vinha se opondo ao reformismo burguês, proclamando a libertação mediante uma estética não-repressiva que confiava no efeito moral da forma e dos materiais utilizados na construção, especulava que, "se a arquitetura de vidro se impuser... será como se a superfície da terra se regozijasse e se vestisse de esmaltes e diamantes; ... teremos um paraíso na terra...; transformado o meio ambiente, transformar-se-á nossa vida...; mas isto só ocorrerá quando as metrópoles desaparecerem".[35]

Por sua parte, Quiroule encerrava sua apresentação dos chalés de vidro observando que a disposição das casas estava longe de assemelhar-se à "da cidade burguesa": "a distribuição das casas anarquistas era mais poética e racional, ... a arquitetura dos chalés era uma combinação feliz dos estilos etrusco e japonês", pequenos "castelos encantados" com tetos dispostos em forma de abóbada luminosa que à noite permitiam "uma claridade doce mas suave".[36]

A *Cidade dos Filhos do Sol* era o fim da cidade burguesa, o triunfo de um certo uso da técnica moderna e a consagração de um prazer estético gerado em grande parte no contexto do exotismo modernista, em que o libertário Quiroule busca libertar-se do ilusionismo naturalista e, dessa forma, obter imagens suscetíveis de transformar-se em composições decorativas.

A convergência desses elementos – mudança social, técnica e estética – não foi freqüente nem no pensamento libertário local nem nas relações que percorrem a história moderna argentina entre vanguardas políticas e vanguardas estéticas.[37] Quiroule aparece então como uma curiosa combinação. De um lado, sua prosa não traz nada de novo, ajustando-se aos cânones que dominam a chamada literatura social do final do século XIX e início do XX. De outro, a arquitetura de seus chalés de vidro em uma cidade que se propõe ser a negação da metrópole burguesa, da tuberculose e da doença, revela-o como um intelectual militante que, pelo menos neste filão, transita ao mesmo tempo pelos caminhos da vanguarda estética e da vanguarda política.

4. A cidade higienista e a tuberculose assistida

O higienismo argentino concentrou toda a sua atenção na cidade. Os médicos

e administradores buscaram quase obsessivamente ordenar o mundo urbano. Escrita em 1919, *La ciudad argentina ideal o del porvenir* de Emilio Coni expressa de modo sintético a vocação para a ordem e a reforma que permeia toda a sua prolífica produção acadêmica e de divulgação.[38] Não resta dúvida de que *Hygeia, a city of health*, que Benjamin Richardson publicou em 1876, influenciou Coni, que, além de ser um dos mais destacados higienistas portenhos, foi também uma figura bastante representativa daquele círculo profissional que, no final do século XIX e início do XX, mantinha contatos muito fluidos com a produção e a vida científica européias.

Em *Hygeia, a city of health*, publicada em espanhol pela *Revista Médico Quirúrgica, Organo de los Intereses Médicos Argentinos* no mesmo ano em que o original inglês veio a lume e quando Coni era seu diretor, os problemas sociais do crescimento urbano e industrial haviam sido reduzidos a problemas sanitários; ali, a percepção do coletivo estava marcada pelas impaciências higiênicas e ambientais.[39] Na segunda década do século XX, *La ciudad argentina ideal o del porvenir* condensava uma trama de preocupações que apenas em parte coincidia com as da cidade concebida por Richardson 50 anos antes. De certo modo, a distância que se interpunha entre 1870 e 1920 é a mesma existente entre a pregação centrada basicamente na salubridade e no aparelhamento sanitário e o discurso que, reconhecendo-lhe a importância, incorporou e hierarquizou a dimensão do assistencialismo.

Essa distância é óbvia na produção intelectual de Coni, que em 1870 era um obstinado entusiasta da construção de redes de água potável e em 1920 um organizador de instituições de assistência, prevenção, moralização e bonificação social.[40] Sua cidade modelo era o resultado de uma visão preocupada em conter e acomodar os perigosos embates de uma questão social decididamente explosiva, que buscava harmonizar os problemas urbanos incubados no contexto da expansão econômica agroexportadora e da assistência e moralização dos setores populares urbanos que o aluvião imigratório fizera crescer de um modo sem precedentes. Em vez de se propor planejar o crescimento urbano, Coni concentrou sua atenção na construção de uma ordem social que prescindisse de qualquer esforço para reordenar o espaço ocupado pela cidade.

Tal como ocorreu com a maioria dos reformadores sociais da época, a questão da moradia constituiu um dos fatores-chave do projeto de regeneração social que Coni estava oferecendo:

> A *Cidade Argentina Ideal ou do Porvir* não conhecerá cortiços, nem pensões em ruína, nem barracos. Os poderes públicos e as empresas construirão casas em bairros operários de um, dois ou três cômodos, com os serviços correspondentes. Então, será desterrada a contaminação física e moral das moradias dos trabalhadores. A profilaxia das doenças contagiosas alcançará seu apogeu e na educação das massas populares se obterão ótimos resultados. O operário se sentirá atraído por sua casa higiênica e sorridente, e seus filhos não entrarão na escola do vício já em seus primeiros anos. A raça será melhorada física e moralmente e a habitação coletiva só permanecerá na história como uma lembrança vergonhosa.[41]

O mundo urbano imaginado por Coni era um mundo de pessoas com casa própria. Elas assumiriam como seus os rituais da higiene, a veneração pela vida voltada para o lar, as vantagens de uma horta-jardim que facilitaria a acomodação de uma população de origem rural e

ultramarina em um mundo urbano improvisado. Mas o tema central – e a peculiaridade – da *Cidade Argentina Ideal ou do Porvir* é o assistencialismo. Trata-se não apenas de um discurso que só entendia a vida na cidade em condições materiais minimamente aceitáveis, mas também de uma rede compacta de instituições profiláticas e terapêuticas, dirigidas e coordenadas por médicos, arquitetos e engenheiros sanitários, todos eles profissionais que o próprio processo modernizador acabara de legitimar em seus saberes específicos. Assim, segundo Coni, o poder municipal devia controlar a ação filantrópica tanto em sua versão assistencial – "proteção e assistência da criança, do doente, do idoso, do alienado, do desvalido etc." – como na da higiene pública – "profilaxia geral, desinfecção, bromatologia, inspeção veterinária etc."

Um escritório central de informações tinha a incumbência de difundir, coordenar e ampliar essas atividades e canalizar os esforços caritativos individuais em uma filantropia renovada e centralizada do Estado. Esse escritório permitia, de certa forma, uma visão abrangente, não só dos casos excepcionais ou dos doentes, mas da população urbana em geral, como se fosse uma espécie de hospital de portas abertas de onde se controlava a saúde e se preveniam as enfermidades da comunidade urbana.[42]

A cidade de Coni trabalhava com uma exaustiva classificação das ações terapêuticas e assistenciais segundo idade, sexo e doença. A proteção da infância era prioritária – criança e mãe recebiam o apoio de numerosas instituições estatais que não deixavam nenhum detalhe sem atendimento. Para as mães, Coni mencionava maternidades, que prestavam assistência de parto a domicílio, consultórios ginecológicos e cantinas maternais. No caso de mães solteiras, indicavam-se asilos, nos quais as mulheres podiam criar seus filhos ao mesmo tempo em que ganhavam suas diárias. A infância contava com dispensários de lactantes, consultórios médico-preventivos, colônias de férias, escolas que oferecessem leite e refeição, asilos maternais para órfãos, indigentes ou abandonados, colônias agrícolas e colônias permanentes para crianças débeis.

Também para a população urbana eram previstas estratégias que, além de educar e mitigar deficiências, destinavam-se a causar impacto no cotidiano do lar. Era o caso das cantinas e cozinhas populares, das creches de bairro, das lavanderias municipais, dos banhos públicos, das escolas, do hospital de bairro, dos natatórios municipais. Para os trabalhadores não faltavam consultórios médicos e farmácias nas fábricas, escolas industriais e escolas profissionais de artes e ofícios. E para os indigentes ocasionais, havia os asilos noturnos e os asilos-oficina com trabalho obrigatório para os desocupados e mendigos.

Para enfrentar as doenças dos pobres, Coni propunha um hospital central ligado a hospitais de bairro e dispensários. O atendimento dos tuberculosos dependia da "Assistência Nacional aos Tuberculosos Pobres, que terá sob sua direção e gestão financeira os dispensários de higiene social e de preservação antituberculose, hospitais sanatórios nos subúrbios das cidades, sanatórios de planície, de montanha e de mar, colônias agrícolas para tuberculosos egressos dos sanatórios. As colônias de férias e de crianças débeis servirão de complemento à mencionada estrutura antituberculose."[43] Os asilos ou as colônias eram indicados tanto para os doentes crônicos agudos – sobretudo tuberculosos e leprosos – como para os alienados mentais, cegos, surdos, mudos ou com defeitos de pronúncia.

Por meio do assistencialismo, Coni reduzia a cidade a uma unidade sanitária em que reinavam a prevenção, a vigilância e as justas compensações para o es-

forço individual. A *Cidade Argentina Ideal ou do Porvir* era uma cidade moderna em que se conseguira controlar a velocidade metropolitana, e o ritmo da vida dos bairros definia o ritmo da vida urbana em geral. Era uma cidade em que se dava mais importância aos temas da reprodução e do consumo que ao da produção. A ênfase estava nos locais de moradia – ali era palpável um bem-estar modesto e salutar, a que tinha acesso toda a população. E para aqueles que de alguma maneira precisavam ser assistidos, uma rede de instituições facilitava as compensações e ajudas necessárias.

A cidade de Coni apresenta uma aspiração explícita à construção de um espaço são. O centro de suas preocupações era a tomada das rédeas de um mundo urbano que crescera em ritmo assombroso. Para consegui-lo, era necessário fazer cumprir as recomendações de higiene, adequar o sistema alimentício, organizar os impulsos, tornar a população pobre uma população limpa. Coni não imaginava um mundo sem doenças, e sua cidade parece ter aprendido a conviver com a tuberculose e, em grau menor, com as doenças infecto-contagiosas, em um equilíbrio biológico e social garantido pelo assistencialismo.

Comparada com outros discursos reformadores, como o do médico psiquiatra Lucio Menéndez que, a partir do mundo recluso dos hospícios, visualizava um futuro utópico sem doentes nem loucos, a cidade de Coni revelava um higienismo muito mais realista, não se sabe se como resultado da impotência médica ou como mostra da aceitação de que a doença faz parte da experiência humana.[44]

A *Cidade Argentina Ideal ou do Porvir* é uma utopia do capitalismo melhorado, organizada em torno de uma suposta regeneração física e moral da raça.[45]

É um modelo que não exige a reformulação completa da sociedade e que enfatiza, em troca, a prevenção, a profilaxia e uma espécie de filantropia do Estado. Coni colocava-se, assim, em uma posição intermediária entre o pragmático e o utopista. Aceitava a doença e a loucura, enfrentava o problema da multidão com a estratégia de segregar os degenerados e doentes agudos e proteger e assistir aos que garantiam que a sociedade continuasse funcionando. Por isso, mais que nas condições de reprodução da força de trabalho, Coni concentrava sua atenção nas populações e na cidade – sua agenda tinha a ver com um mundo urbano em que o trabalho e as relações sociais não eram fundamentais.

Tratava-se, portanto, de uma rede institucional para atuar sobre a população assegurando saúde e bem-estar. Coni oferecia uma tutela humanitária, que superava os critérios clássicos de repressão e reclusão com que se havia tratado a doença, a anormalidade, a indigência, a criminalidade.

Para ele, os hospitais e asilos deviam deixar de ser lugares de exílio, e a caridade tinha de ser substituída pela filantropia. Intervindo na cena pública e privada com sensibilidade social, paternalismo e não poucas vezes rigor, o Estado transformava-se no grande ator, não apenas da luta antituberculose, mas também do esforço para evitar a deterioração física e moral da população. Os engenheiros sociais e em primeiro lugar os médicos higienistas eram os principais representantes desse Estado, os responsáveis pela administração e manejo dos conflitos e dificuldades de ajuste de uma multidão aluvionária, instável e às vezes perigosa.

Nisto, a cidade de Coni parece retomar as clássicas figuras dos guardiões da ordem de Platão ou da elite de cientistas e técnicos que tudo controlam, como acontece em Bacon, Condorcet, Wells ou, de modo muito particular, na *Freiland* de Hertzka com seus médicos funcionários do Estado.

Assim, a *Cidade Argentina Ideal ou do Porvir* resume a agenda reformadora de um novo grupo profissional que já desempenhava papel importante na burocracia estatal, especialmente em nível municipal.

5. A cidade tecnológica e a tuberculose vacinada

Em 23 de outubro de 1927, o diário *Crítica* publicou uma extensa matéria sobre como seria Buenos Aires no ano 2177. Tratava-se de uma das mais bem-sucedidas amostras daquilo que o jornalismo de antecipação andava oferecendo. Com um estilo direto, mostrando agilidade tanto na narrativa como nas ilustrações, *Crítica* prefigurava uma cidade "fantástica de centenas de andares de altura", na qual a eletricidade extraída da atmosfera simplificava os processos industriais dando-lhes "um aperfeiçoamento técnico quase absoluto", a ponto de fazer esquecer os "penachos de fumaça das fábricas". A velocidade das comunicações criara um novo sistema político no mundo, no qual os Estados não passavam de "províncias cuja administração estava a cargo de um conselho universal". E o acesso generalizado à incrível velocidade dos meios de locomoção transformara as cidades em "centros administrativos e celeiros territoriais", pois que, relativizadas as distâncias, as pessoas tinham ido viver nas "montanhas, nos desertos irrigados e convertidos em jardins mediante a aplicação da eletricidade à agricultura". Era uma sociedade em que "os descobrimentos de ordem elétrica tinham modificado completamente as condições de vida e o desenvolvimento industrial". Nela, "a inutilidade de açambarcar riquezas e o estado de comunismo perfeito [estabelecem] um grau de trabalho que, por ser natural e cômodo a todo homem, não o humilha nem o reduz a um ser subserviente." Ao mesmo tempo, "os progressos da bacteriologia e da medicina, cuja ação era a de prevenir e imunizar, e não de curar, tornaram efetivo o estado de felicidade humana".[46]

Como se vê, tratava-se de um mundo em que a tecnologia, além de gerar a felicidade, conseguira controlar as doenças pela dupla ação da prevenção e imunização. A medicina curativa era um dado do passado, e esse mundo sem patologias parece ter resultado do esforço conjunto da ciência básica e da medicina preventiva. Daí, o papel destacado da imunização, sublinhando desse modo os efeitos benéficos dos soros e vacinas.

Com a expansão editorial dos anos 20, os jornais e revistas cultivaram, com maior ou menor insistência, um jornalismo de antecipação, no qual com freqüência as informações sobre as novidades técnicas acabavam misturando-se com a ciência e os delírios. *Crítica* conseguiu fazê-lo com especial brilhantismo, oferecendo a seus leitores das camadas médias e populares material, não apenas para imaginarem as possibilidades de melhoria que o futuro poderia trazer para suas vidas cotidianas, mas também para participarem da força mítica do maravilhoso moderno.[47]

Assim, *Buenos Aires no ano 2177* reafirma o papel dominante da tecnologia, mas sob uma ótica otimista, como um recurso imprescindível para a gestação e manutenção de uma sociedade justa e feliz, na qual "o proletariado [ficaria com algo mais] que as migalhas do banquete". Diferentemente das distopias que circulavam na Europa e na América do Norte, nas quais a tecnologia permanecia atrelada ao autoritarismo, à miséria cultural, à insensibilidade moral e à desventura psicológica, a cidade de *Crítica* era um espaço de justiça e felicidade em que a tuberculose se transformara em um dado que as vacinas tinham sepultado na história.

Com ênfase indisfarçável, *Crítica* endossou a panacéia tecnológica. Mas nem todos carregaram as tintas dessa maneira. E se era comum o reconhecimento das possibilidades da tecnologia como parteira do futuro e recurso democratizador, não faltavam os comentários cautelosos. Alguns ironizaram os projetos incubados na nova planificação urbana norte-americana, que vislumbravam cidades sulcadas por ruas de vários andares e céus congestionados de helicópteros.[48] Outros não ocultaram suas reservas, e por isso, por ocasião da apresentação em Buenos Aires do filme *Metrópolis*, de Fritz Lang, houve quem advertisse sobre o perigo de um usufruto socialmente injusto dos benefícios trazidos pela ciência e pela tecnologia.[49] Não se tratava de vozes isoladas, pois a elas somavam-se os romances antibelicistas e também os que antecipavam imagens ambíguas de um futuro em que a tecnologia podia destilar tanto ameaças como promessas.

De qualquer forma, e do mesmo modo como Quiroule pôde cultuar a eletricidade e ao mesmo tempo atacar as vacinas e soros que, segundo ele, conduziam inevitavelmente à degeneração da raça, *Crítica* imaginou a civilização das vacinas, que aumentaram a tal ponto as resistências biológicas individuais que nenhuma doença – e nem a tuberculose constituía exceção – podia ser motivo de perigo ou temor.

****

O ideal higiênico, que sempre, de um modo ou de outro, aludia à tuberculose, foi tema obrigatório de cada uma destas cidades imaginadas no final do século XIX e início do XX. Aquiles Sioen fantasiou um monumento para celebrar a derrota da tuberculose. Julio Ditirich apresentou uma cidade em que a tuberculose era coisa do passado. Pierre Quiroule imaginou não só um enclave urbano repleto de verde, mas também um mundo sem doenças. Emilio Coni reconhecia a impossibilidade de desterrar a tuberculose e por isso atribuiu ao Estado a incumbência de criar uma rede institucional de tutela e prevenção. E *Crítica* esboçou uma cidade em que a ciência e a tecnologia aumentaram a tal ponto as resistências biológicas individuais que nenhuma das doenças urbanas chegava a constituir realmente ameaça.

Somente em alguns casos esses cenários tiveram pretensões literárias. São ficções que, mesmo em sua pobreza, se somaram à série de cidades imaginadas que marcaram o aparecimento das metrópoles e a experiência da modernidade. Em outros casos, tratou-se de idéias que permearam o discurso político, filosófico ou sociológico voltado para a reflexão sobre o mundo urbano em transformação.

Por último, apareceram também os modelos para a ação reformadora, propostas de intervenção em uma trama urbana cada vez mais saturada, anunciando os esforços do Estado provedor e assistencialista que se expandiria algumas décadas mais tarde. Seja como for, em qualquer desses cenários é fácil reconhecer não apenas as marcas da literatura utópica, mas também os ecos dos debates europeus e norte-americanos sobre o congestionamento das cidades, que impregnaram a imaginação urbana produzida pela Buenos Aires moderna.[50]

Notas

1. Aquiles Sioen, *Buenos Aires en el año 2080. Una historia verosímil* (Buenos Aires, 1879), p. 62.

2. Georges Vigarello, *Concepts of cleanliness. Changing attitudes in France since the Middle Ages* (Cambridge, 1988), p. 202.

3. Guillermo Rawson, *Escritos y discursos del doctor Guillermo Rawson* (Buenos Aires, 1891), II, p. 93 (de um discurso no Parlamento datado de 1874); Pedro Mendez, "Breve estudio sobre la higiene de las habitaciones" (tese doutoral, Universidade de Buenos Aires, 1886).

4. Júlio Verne, *Le cinq cents millions de la Begum* (Paris, 1879); Benjamin Richardson, *Hygeia, a city of health* (Londres, 1876).

5. Aquiles Sioen, op. cit., p. 62 e 101.

6. *El Nacional*, 14-3-1870; Juan de Comingues, *Obras escogidas* (Buenos Aires, 1892), p. 343-6.

7. Aquiles Sioen, op. cit., p. 105.

8. Idem, ib., p. 102.

9. Julio Dittrich, *Buenos Aires en 1950 bajo el régimen socialista* (Buenos Aires, 1908), incluído em versão abreviada em Félix Weinberg, *Dos utopías argentinas de principios de siglo* (Buenos Aires, 1986).

10. Idem, ib., p. 123.

11. Idem, ib., p. 126.

12. Idem, ib., p. 119, 129.

13. Idem, ib., p. 118-9.

14. Idem, ib., p. 118, 123.

15. Lewis Mumford, *The story of utopias* (Nova York, 1954), p. 15.

16. Robert Nozick, *Anarquía, estado y utopía* (México, 1988), p. 311-2.

17. Julio Dittrich, op. cit., p. 131.

18. Pierre Quiroule, *Sobre la ruta de la anarquía (Novela libertaria)* (Buenos Aires, 1924); *En la soñada tierra del ideal* (Buenos Aires, 1924).

19. Idem, *La ciudad anarquista americana. Obra de construcción revolucionaria* (Buenos Aires, 1914), p. 248.

20. Jean-Jacques Rousseau, "Emile", em *Oeuvres complètes*, ed. de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond (Paris, 1969), t. IV, p. 277.

21. William Morris, *News from nowhere* (Londres, 1891).

22. Pierre Quiroule, *La ciudad anarquista americana...*, p 74.

23. Françoise Choay, *The modern city planning in the 19th century* (New York, 1969); John Rockney, "From vision to reality. Victorian ideal cities and model towns in the genesis of Ebenezer Howard's Garden City", *Town Planning Review*, v. 54, nº 1 (1983).

24. Pierre Quiroule, *La ciudad anarquista americana...*, p. 244, 245, 68.

25. Idem, ib., p. 68.

26. Idem, ib., p. 99, 87-8, 98, 99, 100.

27. Idem, ib., p. 99.

28. Phillippe Ariès, *Essais sur l'histoire de la mort en occident du Moyen Age anos jours* (Paris, 1977), cap. 1.

29. Pierre Quiroule, *La ciudad anarquista americana...*, p. 133, 101.

30. Idem, ib., p. 133, 126, 142, 129.

31. *Ideas*, 1927, 11.

32. John Hoberman, *Sport and political ideology* (Austin, 1984), p. 11.

33. Pierre Quiroule, *La ciudad anarquista americana...*, p. 102, 75, 72 e 76.

34. Ana María Rigotti, "Dos utopías argentinas en el debate sobre el habitat obrero de principios de siglo" (mímeo, s.d.), p. 18.

35. Paul Scheerbart, *Glassarchitecture* (Nova York, 1972), p. 35. A edição original alemã é de 1914.

36. Pierre Quiroule, *La ciudad anarquista americana...*, p. 72, 76.

37. Diego Armus, "An autonomous anarchist subculture? The anarchist press in Argentina, 1890-1930", trabalho apresentado no Eleventh Latin American Labor History Conference, abril de 1994, Duke University; Beatriz Sarlo, *La imaginación técnica. Sueños modernos de la cultura argentina* (Buenos Aires, 1992), cap. 2; Pancho Liernur, "Wladimiro Acosta y el expresionismo alemán. Consideraciones acerca de los fundamentos ideológicos del Sistema Helios", em *Wladimiro Acosta, 1900-1967* (Buenos Aires, 1987), p. 18-29.

38. Emilio Coni, "La ciudad argentina ideal o del porvenir", *La Semana Médica*, 3-4-1919; também seu *Higiene social. Buenos Aires caritativo y previsor* (Buenos Aires, 1918).

39. *Revista Médico Quirúrgica. Publicación Quincenal. Organo de los Intereses Médicos Argentinos*, 1876, p. 113, 117, 142, 166, 186.

40. Emilio Coni, *Progrès de l'hygiène dans la République Argentine* (Paris, 1887); *Memorias de un médico higienista (Contribución a la historia de la higiene pública y social)* (Buenos Aires, 1918).

41. Emilio Coni, "La ciudad argentina ideal...", p. 466.

42. Michel Foucault, *The birth of the clinic: an archeology of medical perception* (Londres, 1973); David Armstrong, *Political anatomy of the body. Medical knowledge in Britain in the twentieth century* (Cambridge, 1983).

43. Emilio Coni, "La ciudad argentina ideal...", p. 466.

44. Sobre Lucio Menéndez, ver Hugo Vezzetti, "El discurso psiquiátrico", em Hugo Biagini (org.), *El movimiento positivista argentino* (Buenos Aires, 1985), p. 376.

45. Diego Armus, "La ciudad higiénica entre Europa y Latinoamérica", em Antonio Lafuente (org.), *Mundialización de la ciencia y cultura nacional* (Madri, 1993), p. 594.

46. *Crítica*, 23-10-1927.

47. Beatriz Sarlo, op. cit, cap. 3.

48. *La Vanguardia*, 29-3-1925.

49. Ib., 12-11-1927.

50. Lewis Mumford, *The story of utopias, ideal commonwealths and social myths* (New York, 1922); F. E. Manuel e F. P. Manuel, *Utopian thought in the Western world* (Cambridge, 1979).

(Recebido para publicação em setembro de 1995)

Diego Armus é professor do Kean College of New Jersey.